

O REPASSAR DOS ENSINAMENTOS NA MAÇONARIA

(THE PASSING ON OF THE TEACHINGS IN FREEMASONRY)

Fabio Ytoshi Shibao ¹

Newton Agrella Carvalho ²

Francisco De Assis De Gois ³

Alexandre Hussni ⁴

Resumo

O artigo partiu das ponderações sobre o repassar dos ensinamentos na maçonaria. O objetivo foi entender sobre comunicação, símbolos, imaginário e educação associados aos valores atemporais da maçonaria para ser um "gatilho de atração" para novos membros e como a diferença entre gerações influenciará no futuro da ordem. As instruções são para os maçons desenvolverem as habilidades de praticar os rituais, exercerem cargos administrativos em Loja e instruir os Aprendizes, Companheiros e Mestres. O maçom deve se educar para se tornar um humano integral ao estudar por intermédio da simbologia, porque a natureza do símbolo é criar "um signo mais desenvolvido".

Palavras-chaves: Maçonaria; comunicação; simbólico; imaginário; instrução; educação.

Abstract

The article started from the considerations about the passing on of teachings in Freemasonry. The aim was to understand about communication, symbols, imaginary and education associated with the timeless values of Freemasonry to be a "trigger of attraction" for new members and how the difference among generations will influence the future of the Freemasonry. The instructions are for Masons to develop the skills of practicing rituals, holding administrative positions in Lodge and instructing Apprentices, Companions and Masters. The Freemason must be educated himself to become an integral human being by studying through symbology, as the nature of the symbol is to create "a more meaningful sign".

Keywords: Freemasonry; Communication; Symbolic; Imaginary; Instruction; Education.

¹ Mestre em Administração pela UNIB. E-mail: fabio.shibao@gmail.com.

² E-mail: newagrella@gmail.com

³ E-mail: chicodeassis54@gmail.com.

⁴ E-mail: alexandrehussni@gmail.com

1. Introdução

O ser humano necessita interagir com outros indivíduos para compartilhar pensamentos. A cultura de cada sociedade, significa sistemas reproduzidos que operam no intercâmbio entre determinados grupo de indivíduos de uma comunidade (BACKES et al., 2012).

Ao longo da história, o surgimento de algumas irmandades, trouxe o estilo criador de identidade pessoal para certos indivíduos, por exemplo para a prática de filantropia, de partidatismo político ou com finalidade religiosa e as corporações fechadas desenvolveram uma difusão conveniente para repassar os seus princípios.

A maçonaria, na sua fase operativa foi uma das fraternidades que surgiu na Idade Média e para conservar os segredos das técnicas de edificações de catedrais pelos seus membros que se denominavam pedreiros livres foi elaborada por eles um sistema de comunicação sigilosa. No século XVIII, a maçonaria ganhou um caráter, denominado "especulativo", tornou-se uma "Ordem" que assumiu as ferramentas de trabalho dos construtores medievais como símbolos, atribuindo-lhes novos significados de acordo com uma nova filosofia. Portanto, a explicação desses símbolos é essencial para a compreensão dos ensinamentos da maçonaria pelos seus iniciados (STEVENSON, 2005).

Para se tornar maçom, é preciso ser convidado por um integrante da confraria e todos os integrantes da maçonaria são reconhecidos como irmãos. Essa comunidade mundial se comunica por meio dos símbolos secretos que são os sinais, toques e palavras, o que permite o reconhecimento de seus integrantes entre si (MOREL; SOUZA, 2008).

Assim, essa áurea de compartilhar esses signos secretos entre os irmãos é uma eficiente ferramenta que a maçonaria emprega no sentido de valorizar a instituição, elevar a autoestima de seus integrantes e mantê-los unidos, favorecendo a coesão da corporação.

Além do uso dos símbolos a comunicação também se faz necessária na absorção da filosofia maçônica, por isso, os templos onde os maçons se reúnem são idealizados e ornamentados com símbolos que representam os ideais da maçonaria e o aprofundamento do conhecimento maçônico ocorre com a interpretação dos significados.

Os símbolos são signos ajustados socialmente e agem por determinada condição convencional. Segundo Carl Gustav Jung, os símbolos representam a possibilidade de um ato intermediário. Nesse caso, a simbologia funciona para representar a filosofia maçônica e serve para repassar o conhecimento aos aprendizes.

De acordo com o conceito de Jung, arquétipos são símbolos de percepção universal por intermédio do inconsciente coletivo. Empregando esse conceito, se pode observar que a utilização dos arquétipos na simbologia

maçônica é um elemento que facilita a comunicação do preceito maçônico por meio dos símbolos.

Dessa forma emerge a seguinte questão de pesquisa: Como são repassados os ensinamentos maçônicos? O objetivo do presente artigo foi analisar como são apresentadas as formas comunicativas que permitem a integração dos membros da maçonaria e o transmitir de conhecimento aos seus iniciados. Estudou-se também como ocorre a comunicação maçônica por meio da simbologia e como a filosofia da maçonaria exibida por estes símbolos, intervém no desenvolvimento de uma nova identidade dos seus iniciados.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: além dessa breve introdução, são apresentados a fundamentação teórica sobre conceitos de maçonaria como uma organização, comunicação organizacional, simbólico e imaginário; e educação, técnica e trabalho. Posteriormente são apresentados os procedimentos metodológicos, a seguir são apresentados os resultados e discussões e finalmente as considerações finais.

2. Fundamentação teórica

Apresentam-se neste tópico os principais conceitos sobre maçonaria como uma organização, comunicação organizacional, simbólico, imaginário e educação, técnica e trabalho.

2.1. Maçonaria como uma organização

Ao buscar por menções acerca da maçonaria, encontra-se pouca produção científica acerca do tema. Nesse contexto, destacam-se os trabalhos na esfera da literatura não relacionada diretamente à academia, também prevalecem obras que focam a história da maçonaria, junto das produções que abordam a ritualística maçônica. Destaca-se também que existe uma considerável produção proveniente dos próprios membros, que faz circular conteúdos geralmente voltados aos temas história e ritualística (VINHOLA, 2021).

No que diz respeito à formação da organização, encontra-se um ponto comum entre os autores que se dedicam ao estudo da história maçônica, que é a impossibilidade de fixação de uma data precisa da origem da maçonaria. Tal dificuldade é em virtude de uma origem que se perde em meio a mitos e lendas (AZEVEDO, 1997). Enquanto, para Mansur Neto (2002), tal impossibilidade ocorre porque existem muitas organizações que se adaptaram de modo similar à maçonaria, mas sob outras terminologias. A versão da origem da maçonaria mais aceita entre os próprios maçons está ligada à construção do Templo do Rei Salomão, em que o mestre Hiram Abif responsável pela ação, organizou os obreiros de maneira muito próxima à estrutura hierárquica que perdura até os dias atuais alicerçada nos três graus: aprendiz, companheiro e mestre (AZEVEDO, 1997;

MANSUR NETO, 2002), mesmo assim, essa versão não se sustenta sob critérios históricos (VINHOLA, 2021).

Na Idade Média, existiam corporações de pedreiros e artesãos que sob amparo da Igreja, recebiam privilégios como a livre circulação e a desobrigação de algumas responsabilidades. Esses artesãos reunidos eram conhecidos como francs-mestiers – termo que deu origem à denominação atual ‘franco-maçonaria’ ou freemasonry (AZEVEDO, 1997). De acordo com Mansur Neto (2002), as primeiras citações históricas da maçonaria foram encontradas em atas de reuniões de artesãos ingleses associados, no ano 856 D.C.

Esse momento histórico da maçonaria medieval denomina-se operativa porque nesses tempos sob tutela da Igreja, a maçonaria era composta por pedreiros e artesãos e vinculada diretamente ao ofício da construção (AZEVEDO, 1997). A própria palavra maçom ou mason se referia a um pedreiro (COSTA, 2014).

Nessa fase operativa, começaram a se formar as primeiras ‘lojas’ maçônicas, espaços autônomos que reúnem os iniciados e que são as unidades fundamentais da composição da organização até hoje (MANSUR NETO, 2002). A loja maçônica inicialmente remetia apenas a uma construção temporária onde os ‘pedreiros livres’ desempenhavam alguma obra. Mais tarde, elas se transformaram em locais de reunião para descanso e alimentação para trabalhos mais longos. Com o tempo, a loja passou a ser o local da convivência entre maçons (COSTA, 2014).

Com o passar do tempo, os privilégios maçônicos chamaram a atenção de outros indivíduos, para além dos pedreiros e artesãos, porque os mestres instruídos e contando ainda com a proteção de influentes, exercia fascínio dos espíritos estudiosos. Os membros de diferentes segmentos da sociedade passaram a se interessar pelos ‘segredos’ dos maçons, o que contribuiu para que a maçonaria alcançasse um patamar intelectual elevado na sociedade. Esses outros homens fascinados com a Ordem desejavam não apenas desenvolver seus conhecimentos, mas gozar dos privilégios de livre circulação da maçonaria para expor seus pensamentos de forma livre, sem que isso gerasse perseguições (AZEVEDO, 1997; COSTA, 2014; MANSUR NETO, 2002).

O processo de mutação da maçonaria operativa para a chamada maçonaria especulativa se acelerou e os novos membros eram aceitos na Ordem não por seu status ou profissão, mas por seu modo de ser, isto é, entre os requisitos de ingresso, destacavam-se a alfabetização e o bom caráter, mas também condições de contribuição com as cotizações mínima (AZEVEDO, 1997; MANSUR NETO, 2002). No entanto, aos poucos a maçonaria se torna aristocrática e suas mais altas posições passam a ser ocupadas por membros da nobreza (COSTA, 2014).

Assim, é necessário questionar as contribuições da comunicação organizacional, a fim de aprofundar a rela-

ção com o objeto. Para isso, a seguir discorre-se sobre a compreensão de comunicação organizacional com seus fundamentos que afetam o olhar para o objeto de estudo.

2.2. Comunicação organizacional

A concepção de comunicação organizacional se inicia com uma ponderação sobre o elemento da Comunicação. As escolas de pensamento, reconhecidas como fundamentais no empenho contemporâneo de virada paradigmática em relação ao pensamento funcionalista / estruturalista hegemônico, ao final do século XIX e primeira metade do século XX. A chamada Escola de Chicago e o Interacionismo Simbólico nas décadas de 1940 e 1950, foram linhas que de acordo com França e Simões (2016), revalorizaram o encontro e a construção conjunta, ao desenvolverem a chamada ‘matriz interativa’ da comunicação.

A proposta do conceito de interação possibilitou transformar o aspecto linear dos efeitos, produzindo olhar para a circularidade. Esse curso foi possível a partir de um enfoque teórico que valorizava as práticas e sua natureza simbólica. Em vez de uma compreensão da comunicação na sociedade como um todo, um direcionamento que possibilitou intuir a dinâmica comunicacional mais ampla ao invés de um amontoado de pequenas interações (FRANÇA; SIMÕES, 2016).

Conectada ao passado pragmático e interacionista, a noção de interação ajuda na problematização do fenômeno comunicacional porque é complexo e abstrato (FRANÇA, 2008). Baldissera (2008) atestou que os processos de significação oferecem condições de essência ao fenômeno comunicacional, por antecederem. Ao mesmo tempo em que a comunicação não acontece sem a significação, esta é constantemente reconstruída nas interações comunicativas porque os processos comunicacionais pressupõem o acionamento de símbolos, comunicar é movimentar sentidos e nessas movimentações, reconstruir tais sentidos (BALDISSERA, 2017).

Exposta a perspectiva comunicacional, se pode avançar para a comunicação organizacional, em que a definição mais comum de organização como agrupamento humano em torno de uma finalidade. Agrupamento não pode ser considerado como sinônimo de organização, porque existem dois tipos de agrupamentos humanos: as comunidades que se estabelecem a partir de uma classe social espontânea e informal; e as organizações que despontam de uma ordem social criada e dirigida tanto endógena ou como exógena. Dessa forma, ficam mais claras as questões em torno dos propósitos específicos e explícitos de uma organização, pois, eles se tornam capazes de gestão (URIBE, 2007).

Neste artigo se adota a noção de que a organização é uma construção social entre subjetividades, ou seja, forças em interação (BALDISSERA, 2004), a partir de uma

ordem social criada em torno de um objetivo comum (URIBE, 2007) e que desenvolve códigos de gestão frente às consecutivas agitações endógenas e exógenas. Portanto, as organizações são como classes de subsistemas sociais, constituídos por indivíduos complexos e de uma pluralidade contextual que impedem generalizações.

A forma de sociabilidade maçônica difere de outras organizações devido ao elemento “segredo”, que possui uma intensa carga simbólica, o segredo intercala o processo de institucionalização maçônico e afeta as atividades organizacionais, promovendo muitas significações, dentro e fora dos limites da organização (VINHOLA, 2021). À vista disso, se percebeu a necessidade de uma discussão mais robusta sobre o que é simbólico e o que é imaginário.

2.3. Simbólico e imaginário

Acoplar duas partes separadas é o sentido das palavras *symbolon*, *mashal* ou *sinnbild*, respectivamente de origens grega, hebraica e alemã. A natureza do símbolo é exatamente a de ligar ou unir partes separadas e conferir um novo sentido ao que se encontrava distante. Essas partes antes separadas, metades de um objeto, não têm qualquer valor real em separado. Mas elas remetem a algo previamente acordado, em que o sentido é adquirido na junção, isto é, este é o vigor da junção simbólica, a de atribuir sentido a uma realidade fragmentada (RUIZ, 2003).

A definição do que é o imaginário é imprecisa, se considerar o uso do termo fora do domínio científico, porém, existe um fascínio pela palavra imaginário que ao conquistar o lugar das mídias se tornou expressão banal no senso comum (SILVA, 2003). Em um ensaio de esclarecimento do conceito, se pode aproximar a ideia de imaginário como sistema organizador de imagens caracterizado pelo dinamismo que as conecta entre si, isto é, o imaginário não é uma coletânea de imagens somadas, mas uma rede em que o sentido se encontra na relação, o que deixa evidente de que o imaginário não se restringe a criações da fantasia (BARROS, 2014). Enquanto para Ruiz (2003), nenhuma explicação racional poderá dar conta da complexidade do imaginário, por se tratar de algo que só pode ser descrito, seja por suas manifestações ou seja por seus efeitos.

Ao se pensar essa relação entre o fundo inconsciente e a tomada de consciência, se deve ressaltar que os primeiros contatos com o mundo são ativados pelo imaginário, estimulado por toques, cheiros e sons. É num segundo momento que o mundo surge como imagem visual, isto é, antes de pensar, o ser humano imagina. Dessa forma, desde o nascimento, a racionalidade não constitui a totalidade da psique humana, apenas no decorrer da vida, do fluir desordenado de percepções que o mundo se apresenta são formadas de sentido específico, ou seja, significadas. A imaginação constitui a

potencialidade do ser humano em repassar sentido às coisas e ao mundo (RUIZ, 2003).

Essa aura de segredo parece alastrar-se, devido ao desenvolvimento da comunicação midiática, na qual operam os artifícios do imaginário. Afinal, há cada vez mais conteúdo produzido sobre a maçonaria, pela própria organização ou por não iniciados, bem como maior facilidade de acesso a esses materiais. E se, tais dispositivos são informações centrais no que diz respeito à circulação simbólica, se precisa direcionar atenção às características desse ambiente midiático (SILVA, 2003).

Os riscos de elevados níveis de vulnerabilidade à exposição pública em virtude do uso indiscriminado dos dados de sujeitos conectados, é a circulação de narrativas falsas, também conhecido como fake news que tem como a clara intenção de confundir públicos, pode denegrir, difamar ou realizar algum desvio em relação a um indivíduo ou organização, a partir de dados ou imagens disponíveis na Internet. Outro ponto se trata dos algoritmos que baseada nos perfis e rastros digitais dos sujeitos conectados na rede e com o discurso de oferta de informação personalizada, realiza uma efetiva imposição de conteúdos (BALDISSERA, 2017). Perante esses riscos é importante a gestão da visibilidade envolvendo a educação, técnica e trabalho, pois junto das possibilidades abertas pela evolução da visibilidade mediada, apresenta-se uma nova fragilidade. A revolução digital criou um depósito de conteúdo facilmente recuperável e compartilhável tão extenso que não existe indivíduo ou organização em condições de controle devido a propagação rápida de conexões descentralizadas (THOMPSON, 2018).

2.4. Educação, técnica e trabalho

Uma formação centrada na educação técnica e para o trabalho se apresenta de maneira conflituosa nas tensões entre liberdade e severidade para o ensino da técnica, o impulso impensado e o controle do corpo a partir do aprendizado de movimentos repetitivos para o trabalho e a alegria na condução do ensino e a disciplina para a capacitação para um ofício útil para a sociedade. As crianças entre 6 a 12 anos de idade, é definida como momento de aquisição de conhecimentos gerais em que pudesse admirar todos os gêneros da ciência de maneira simplificada para que pudesse apreender conhecimentos e competências mais complexas para a sua formação (VIÑAO, 2004).

Porém, o trabalho é a atividade que corresponde ao método biológico do corpo humano, cujos crescimentos instintivos, metabolismo e eventual declínio tem a ver com as necessidades vitais produzidas pelo labor no processo da vida, logo, a condição humana do labor é a própria vida (ARENDRT, 1993).

O trabalho foi um símbolo relevante e aclamado na modernidade, conformando-se como a ação que permi-

tiu ao homem alterar o modo de pensar e agir sobre o mundo, uma inspiração de pensamento que o levou a observar a si mesmo e suas ações no mundo, uma consequência da transição do homem como servo das provisões divinas e se tornando um ser humano senhor de seus atos e capaz de suprir suas necessidades a partir de suas ações. Nesse novo contexto, impregnado pela atmosfera de mudanças, o trabalho foi lançado como um impulsionador do desenvolvimento da humanidade, tornando-se ícone de veneração pelos "modernos". A capacidade do homem de construir, criar e transformar a natureza; os grandes feitos da ciência e da indústria; as conquistas territoriais obtidas por meio das guerras e os avanços econômicos dos países que dominaram as máquinas são símbolos da modernidade, registros que evidenciaram a ação humana, tendo em comum o enaltecimento do trabalho como propulsor desses feitos.

A Escola Moderna de Barcelona (anos finais do século XIX e início do século XX) tinha uma expectativa ética e moral na definição de trabalho, na sua visão, o trabalho deveria ter caráter de obrigatoriedade, pois o homem deve ser útil e produzir para o bem comum. Logo, esse produto deveria ser distribuído para o conjunto de membros da sociedade que tinha o direito e o dever de produzir e de ter acesso ao que era produzido. Nessa percepção, o trabalho seria a experiência humana que permitiria a associação entre os indivíduos, a chave da integração social, somente por esse trabalho solidário, seria possível lapidar uma sociedade que suplantaria toda forma de dominação (SILVA, 2021).

Por outro lado, os educadores de esquerda censuram o sistema educacional capitalista, ao afirmarem que perde a sua magnitude de um bem de uso e ganha a de um bem de troca, porque não vale mais pelo que é, mas pelo que representa para as pessoas. A educação vale como um bem de mercado e por isso é paga e custa caro (BRANDÃO, 1995).

A seguir serão descritos os procedimentos metodológicos de como foram obtidas as informações.

3. Procedimentos Metodológicos

A revisão integrativa de literatura tem como finalidade sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema, de maneira sistemática, ordenada e abrangente. É denominada integrativa porque fornece informações mais amplas sobre um assunto, constituindo um corpo de conhecimento. Deste modo, o pesquisador pode elaborar uma revisão integrativa com diferentes finalidades, podendo ser direcionada para a definição de conceitos, revisão de teorias ou análise metodológica dos estudos incluídos de um tópico particular (ERCOLE; MELO; ALCOFORADO, 2014).

No presente artigo optou-se por realizar a revisão integrativa de literatura nos temas maçonaria como uma organização, comunicação organizacional, simbólico e

imaginário e educação, técnica e trabalho.

A seguir são apresentados os resultados e as discussões dessa pesquisa.

4. Resultados e discussões

Na maçonaria, quando se pensa em rituais, faz-se alusão a algo ligado a alguma religião, culto, magia ou ao sobrenatural, porém, também podem ser relacionados a algo formal e simples e que está no nosso cotidiano. Os rituais organizam a vida das pessoas, tendo como estrutura principal a repetição como particularidade, levando em alguns casos à disciplina, portanto um aprendizado consciente ou inconsciente sobre o ritual (CAMPILLO, 2015).

A sociedade sempre cria cerimônias de iniciação e evolução para se dedicar a alguma conquista na vida do ser humano, atribuindo nova identidade, papel, responsabilidade, dentre outros sinônimos junto ao grupo em que frequenta. A maçonaria, por sua vez, se utiliza de um ritual como forma de instrução e também da iniciação como forma de recepção, tudo de forma pedagógica para interiorizar, sensibilizar, instruir e formar os neófitos e os maçons a se tornarem pessoas cada vez melhores. É evidente o importante papel dos rituais no dia-a-dia da maçonaria porque estimula a tradição e antiguidade ao aspecto pedagógico, procurando resgatar valores e situações esquecidos na fadiga do dia a dia (CAMPILLO, 2015).

Porém, o universo da maçonaria não está livre de influências, porque a teoria dos campos registra em nível abstrato um 'pensamento institucional' de que a maçonaria quer materializar e narrar sobre si mesma. Não existe 'mundo à parte': o que se tem são pessoas-corpo que em seus cotidianos compartilham de vários universos visivelmente independentes uns dos outros, mas quando se aproxima para analisá-los, se observa que eles sempre se relacionam a outros campos, portanto, não são isolados, embora resguardem na maioria das vezes, uma posição própria que permite assegurar uma identidade de grupo (SOUZA, 2006).

O estudo tratado na Maçonaria passa por diversas áreas, tais como: astronomia, física, química, matemática e as suplanta enveredando por temas que carecem ainda de comprovação científica. Por exemplo, na existência de forças invisíveis que influenciariam nas decisões das pessoas. Algo dentro de uma racionalidade maçônica, porque não é considerada sobrenatural, mas uma técnica que estaria dentro das leis da natureza, desconhecida pela média dos indivíduos. Porém, quaisquer desses temas podem ser encontrados atualmente em abundância em boas livrarias e em editoras ligadas ao tema do esoterismo e simbologia. Contudo, nunca se sabe como esses 'conteúdos' são abordados em cada Loja (SOUZA, 2006).

Símbolo é a transcrição é a transcrição ou tradução

metáforica de uma ideia, por intermédio de um objeto, de uma imagem ou de uma expressão que denote um pensamento para um grupo social, inobstante suas dimensões.

A interpretação dos símbolos ao ser feita na totalidade, é responsabilidade de cada maçom e neste processo de auto explicação e da observação dos princípios que conduzem a vida de cada um se pode verificar como o Ofício da maçonaria assume vida como um mistério. Assinala-se que os criadores da franco-maçonaria especulativa, consideravam o seu 'Ofício' como uma disciplina que se identifica com a psicologia ou talvez com a investigação acadêmica acerca da natureza da consciência (MACNULTY, 1996).

Assim, a filosofia maçônica, subsiste perene e inabalável ao longo de sua existência, apesar de inúmeras tentativas de se querer impor significados alheios à sua real essência.

Neste contexto, se pode agrupar em quatro principais escolas de pensamento maçônico organizadas segundo a afinidade do conhecimento existente: Histórica; Antropológica; Mística e Oculta (LEADBEATER, 2012).

A Escola Histórica é baseada na linha documental obtida por intermédio dos Historiadores sejam eles maçons ou não, em que se observa um positivismo ortodoxo. Além disso, afirma não admitir uma Antiguidade na Maçonaria anterior ao século XIII D.C., quando foram produzidos os Estatutos de Bolonha, um texto originalmente em latim, possuindo três folhas de pergaminho, datado de 1246, produzido por um escrivão público, a mando do capitão de Bolonha Bonifácio de Cario e reconhecido pelo Conselho de Anciãos em 1248, colocando as sociedades de Construção sob as leis da Cidade de Bolonha. Portanto, insinua que as outras escolas não oferecem caminhos adequados para investigação, não tendo com isso sua autenticidade (ISMAIL, 2012).

A Escola Antropológica congrega às suas pesquisas os estudos de costumes e tradições de sociedades arcaicas, buscando-se nelas as origens da simbologia maçônica. Seus partidários ratificam uma Antiguidade bem maior para a maçonaria, chegando-se a estabelecer similitudes com os Mistérios Antigos. Esta escola por meio de métodos comparativos, observa semelhanças entre os símbolos e práticas ritualísticas estudados em diferentes comunidades com os agregados na Maçonaria (SILVA, 2005).

Enquanto isso, a Escola Mística não se preocupa se é produto da pesquisa científica de dentro ou de fora da Ordem Maçônica e muito menos está interessada nas pesquisas históricas e antropológicas, apesar de eventualmente as utilizar como base. É uma corrente de pensamento que se aproxima mais da Religião em que se preocupa com o desenvolvimento espiritual do homem, no qual se deve procurar a união com o Grande Arquiteto do Universo e não se preocupar com o problema da origem da Maçonaria; no entanto admite que a Maçonaria

tem ligação com os Antigos Mistérios (CAMPILLO, 2015).

Finalmente, a Escola Oculta que tem sua orientação aos estudos espiritualistas, baseando-se nos conhecimentos do Ocultismo que é compreendido pelos maçons como o estudo dos problemas da natureza não solucionados pela ciência (FIGUEIREDO, 1998). A finalidade dessa escola não é a pesquisa científica, mas a aplicação do conhecimento na busca do aperfeiçoamento moral e espiritual. As investigações causadas por esta corrente não dependem do estudo de livros e documentos de arquivo, mas se sustentam por meio da meditação consciente e das experiências individuais, objetivando a união com o Grande Arquiteto do Universo (SILVA, 2005).

As diferentes Escolas descritas por Leadbeater (2012) representam dois grandes grupos, baseados na linha de indícios adotada (fontes, teoria e método) e nos fins do conhecimento produzido: vertente "científica", uma liga das Escolas Histórica e Antropológica e a vertente "esotérica", a confluência das Escolas Mística e Oculta.

A teoria iniciática institui a relação entre a maçonaria e o Iluminismo, tendo como precursor Cristian Jacq, representante do homem das Luzes e como defensor principal, Thomas Paine, com as publicações *A era da razão* e *Origins of Free Masonry*, ambos com críticas aos cristãos que perseguiam os maçons, o que justificaria o mistério da organização como uma maneira de proteger-se de possíveis ataques (SILVA, 2004).

A fundação da Grande Loja de Londres em 1717 é considerada por muitos partidários da maçonaria como o ato fundador da maçonaria especulativa, culminando na publicação das Constituições de Anderson em 1721, em que o texto delimita a filosofia da maçonaria, assim como descreve a atitude que deve se portar um maçom e mostrando as diretrizes centrais da organização. Segundo Anderson "um maçom se entender corretamente a Arte, nunca será um ateu estúpido nem um libertino irreligioso" (VIDAL, 2006, p. 29). Essa afirmativa indica a restrição das posições extremistas e as qualidades de liberdade e laicidade da maçonaria.

O Iluminismo se tornou um experimento para clarificar as engrenagens de poder exercidas pelo clero e pela nobreza, com a justificativa de ajudar o homem a sair do campo do mítico passando para o campo da razão e da ciência, responsáveis por elevar culturalmente o ser humano e ajudar a conquistar as condições de uma vida mais confortável, acreditando em uma melhoria social e econômica promovida pelos avanços científicos, porém, marcado por um forte conflito entre a esperança das novas oportunidades e a ansiedade gerada pelos flagelos naturais e sociais, esse desenvolvimento do homem durante esse conflito ocorre por intermédio da educação (SILVA, 2004).

Enquanto, Rousseau (2004) impulsionou a relação entre o sentimento e as magnitudes da consciência, pa-

ra a compreensão de si mesmo e da coletividade, sendo todas partes constitutivas da natureza, promovendo o pensamento da relação entre o eu e o outro para ser possível entender-se, pois considerou a subjetividade como uma maneira pela qual se pode analisar a sociabilidade.

Dentro da proposta de educação do Rousseau, as perspectivas se traduzem pela defesa de um estudante autônomo, consciente de sua aprendizagem e dotado de criticidade perante o mundo e a si mesmo, mediado pelo professor em que o mesmo deve tomar com vosso aluno o caminho oposto para que ele sempre acredite ser o mestre, porque não há obediência mais perfeita do que a resguarda aparência de liberdade e assim se cativa a própria vontade de aprender do estudante (ROUSSEAU, 2004).

Em resumo, a base da educação pautada em princípios rousseanicos, valorizando o "cuidado de si" está apoiada em três pilares: a criança, respeitada em seu processo de amadurecimento natural formada para a partir de sua autonomia, atuar em sua sociedade; o adulto, que exerce a função de mediador-educador, auxiliando a criança a perceber as ferramentas pelas quais pode atuar em sua vida; e a natureza, fonte dos saberes e mestre do conhecimento.

Sendo assim, é possível relacionar a educação maçônica sob o termo educação do homem integral, isto é, a verdadeira educação deve possuir como método a autoeducação, instituindo dois postulados: a) "ninguém pode educar alguém"; b) "alguém só pode educar-se a si mesmo" (ROHDEN, 2005, p. 17), o que exige a plena satisfação consigo mesmo. A educação passa a ser abordada na obra como arte e o educador-artista sabe reconhecer as potencialidades do educando, a partir de seu talento e sua intuição.

5. Considerações finais

Em síntese, a educação verdadeira tem como base uma visão completa da existência integral do homem, ou seja, é necessário ao homem adquirir a consciência de que sua existência tem continuidade fora do corpo material. Para conseguir essa consciência é fundamental encontrar uma vida em harmonia com a verdade, justiça, honestidade, amor, bondade e fraternidade (ROHDEN, 2005).

A partir desse princípio, faz sentido uma diferenciação entre as noções de instrução e educação como conhecimentos paralelos. Tais noções são definidas da seguinte forma: a instrução tem por fim fornecer ao homem o conhecimento de uso de objetos necessários para sua vida profissional, enquanto a educação tem por fim despertar e desenvolver no homem os valores da natureza humana. Logo, o fim da educação é criar o homem integral (ROHDEN, 2005).

Portanto, apesar de inúmeras publicações exaltando

as novas tecnologias e seus contextos com as novas gerações, é algo que merece detida ponderação, especialmente considerando-se que se está referindo a uma instituição filosófica, cuja base de sustentação e perenidade estão pautadas sob a égide de um princípio chamado "tradição".

Ao falar em novas tecnologias, é algo que soa um tanto estranho e incongruente num universo filosófico em que a Simbologia, constitui-se na legítima base que faz com que o homem possa explorar seus potenciais para o seu aprimoramento interior, aliada ao Antropocentrismo, à Ontologia, à Sociologia, à História, às Lendas e de algum modo às próprias Ciências Esotéricas, que auxiliam na compreensão do lado espiritual que fazem parte da psique humana.

Dessa forma, se pode responder à questão de pesquisa: como são repassados os ensinamentos maçônicos? Da seguinte maneira: por meio das instruções e da educação.

Na Maçonaria existe as instruções para os maçons desenvolverem as habilidades de praticar os rituais, exercerem cargos administrativos em Loja e na Potência a qual esteja filiada, instruir os irmãos mais novos como Aprendizes, Companheiros e Mestres recentes, enfim, adquirir conhecimentos necessários para o funcionamento de uma Loja Maçônica.

Em paralelo, o maçom deve educar para se tornar um ser humano integral ao estudar por intermédio da simbologia, porque a natureza do símbolo é criar "um signo mais desenvolvido" e dessa forma "passar mais informação" quanto ao objeto que ele representa, essas premissas semióticas têm implicações educacionais e não somente de comunicação. É fundamentalmente educativa, porque os símbolos são intermédio pelos quais nos comunicamos. Eles não são apenas os instrumentos que se usa na comunicação. Ao criarem interpretações, os signos são tutores de seus intérpretes, que aprendem a partir deles por meio da observação, porque os signos são lentes de si próprios, uma vez que eles têm um potencial de autocorreção, portanto, os signos são aprendizes do auto ensino.

Pode-se concluir que a busca da consciência Humana não está vinculada a processos tecnológicos e tão pouco à teorias organizacionais. O conceito sobre Maçonaria passa por uma experiência única e indivisível. E as lições que o Maçom aprende estão vinculadas à Observação, Contemplação e muita leitura, além dos treinamentos ritualísticos, para que possa gradativamente ganhar o conhecimento e a disciplina que espera daquele que pretende evoluir, espiritualmente e intelectualmente.

6. Referências

ARENDRT, H. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária,

- 1993.
- AZEVEDO, C. M. M. Maçonaria: história e historiografia. *Revista USP*, São Paulo, v. 32, p. 178-189, 1997.
- BACKES, D. S.; BACKES, M. S.; ERDMANN, A. L.; BUSCHER, A. O papel profissional do enfermeiro no Sistema Único de Saúde: da saúde comunitária à estratégia de saúde da família. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, p. 223-230, 2012.
- BALDISSERA, R. Imagem-conceito: anterior à comunicação, um lugar de significação. 2004. *Tese (Doutorado em Comunicação Social)* – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- _____. Significação e comunicação na construção da imagem-conceito. *Revista Fronteiras: estudos midiáticos*, São Leopoldo, v. 10, n. 3, p. 193-200, 2008.
- _____. Comunicação organizacional e imagem-conceito: sobre gestão de sentidos no ambiente digital. In: Ruão, T., Neves, R., & Zilmar, J. (orgs.). *A comunicação organizacional e os desafios tecnológicos: estudos sobre a influência tecnológica nos processos de comunicação nas organizações*. Minho: CS Edições, 2017.
- BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CAMPILLO, M. A. L. G. A maçonaria para os leigos: mistérios, origens e estrutura. *Revista Ciência & Maçonaria*, 3 (1), 59-68, 2015.
- COSTA, L. M. F. A maçonaria operativa e especulativa: uma discussão em torno das origens da ordem. *Revista Ciência & Maçonaria*, Brasília, 2(1), 65-72, 2014.
- ERCOLE, F. F.; MELO, L. S. D.; ALCOFORADO, C. L. G. C. Revisão integrativa versus revisão sistemática. *Revista Mineira de Enfermagem*, 18(1), 9-12, 2014.
- FIGUEIREDO, J. G. D. *Dicionário de Maçonaria: seus mistérios, seus ritos, sua filosofia, sua história*. São Paulo: Editora Pensamento, 1998.
- FRANÇA, V. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G.H. Mead. In: Primo, A. et al. (orgs). *Comunicação e interações*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- FRANÇA, V.; SIMÕES, P. G. *Curso básico de teorias da comunicação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- ISMAIL, K. *Desmistificando a Maçonaria*. São Paulo: Universo dos Livros, 2012.
- LEADBEATER, C. W. *Pequena história da Maçonaria*. 12. ed. São Paulo: Pensamento, 2012.
- MANSUR NETO, E. *O que você precisa saber sobre Maçonaria*. São Paulo: Ieditora, 2002.
- MACNULTY, K. W. *Maçonaria*. Coleção: Mitos, Deuses, Mistérios. Versão Brasileira: Navegantes: GVS, 1996.
- MOREL, M.; SOUZA, F. J. *O poder da maçonaria: a história de uma sociedade secreta no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- ROHDEN, H. *Educação do homem integral*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- ROUSSEAU, J. J. *Emílio ou da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RUIZ, C. B. *Os paradoxos do imaginário*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- SILVA, J. M. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- SILVA, I. C. T. Traçando relações entre Maçonaria e Educação na América Latina. Anais... In: *II Congresso Nacional de Educação*, 2004.
- SILVA, R. O. Apropriações contemporâneas do Egito Antigo: antiguidade e tradição no discurso maçônico brasileiro. *Mneme - Revista de Humanidades*, Caicó. 7(15), 88-130, 2005.
- SILVA, P. H. P. Escolarização e anarquismo: modernização educacional e educação dos corpos na perspectiva libertária da Escola Moderna de Barcelona (anos finais do século XIX e início do século XX). 292 f. 2021. *Tese (Doutorado em Educação)* do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.
- SOUZA, P. I. G. Buscadores do Sagrado: As Transformações da Maçonaria em Belém do Pará. 356 f. 2006. *Tese (Doutorado em Ciências Sociais)* do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2006.
- STEVENSON, D. *As Origens da Maçonaria: o século da Escócia, 1590 – 1710*. Trad. Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2005.
- URIBE, P. M. *La idea de organización: una concepción amplia para una acción efectiva*. Medellín: Comunicación, 2007.
- VIDAL, C. *Os maçons: a sociedade secreta mais influente da história*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.
- VIÑAO, A. *Escuela Para Todos: Educación y Modernidad en la España del Siglo XX*. Madrid: Marcial Pons Historia, 2004.
- VINHOLA, B. G. Maçonaria, do secreto ao discreto: comunicação organizacional e gestão da (in) visibilidade. 296 f. 2021. *Tese (Doutorado em Comunicação e Informação)* do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGCOM/UFRGS, 2021.